

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

Stresse parental e impacto de um filho em progenitores com filhos em idade pré-escolar

Cristina Margarida Marcelino Marques

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica,
Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica

Coimbra, 2014



Stresse parental e impacto de um filho
em progenitores com filhos em idade pré-escolar

Cristina Margarida Marcelino Marques

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica,
Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica
Orientadora: Professora Doutora Esmeralda Macedo

Coimbra, outubro de 2014

Agradecimentos

Gostaria de expressar o meu mais sincero e profundo "*Obrigada*" a todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Esmeralda Macedo, pelo caminho que me ajudou a percorrer, permitindo-me um enriquecimento e crescimento pessoal e profissional.

À associação de pais e educadores para a infância de Pombal, nomeadamente, à direção, ao Doutor Paulo Marques e a todas as educadoras e auxiliares que funcionaram como facilitadoras de todo o processo de entrega e recolha dos questionários.

Às mães e pais que participaram neste estudo, agradeço a disponibilidade e permissão da recolha de dados, sem os quais não teria sido possível realizar este estudo.

Aos poucos amigos, mas verdadeiros, que estiveram sempre presentes nos momentos mais difíceis. Em especial à Rute, Eulália e Sara pela disponibilidade e apoio.

À minha família, muito em especial aos meus pais, pelo amor e carinho incondicionais.

Ao Eduardo pelo apoio incondicional e pela privação de momentos que tiveste sem a minha total dedicação, obrigado pelo teu apoio, incentivo, carinho e amor.

A todos um,
Muito Obrigada

Resumo

Introdução: Considerando que na nossa sociedade os progenitores são a principal fonte de influência no desenvolvimento infantil, então a forma como encaram o stresse parental e o impacto dos filhos pode ser muito relevante para o funcionamento familiar, uma vez que, se constituem como potenciadores de relações satisfatórias e de qualidade ou desestabilizadores do funcionamento familiar.

Objetivos: Com este estudo pretendeu-se explorar numa amostra de 40 progenitores com filhos em idade pré- escolar, o stresse parental na relação que o impacto que os filhos têm em vários domínios da vida familiar e com as variáveis sexo, idade, estado civil, habilitações literárias e situação profissional dos progenitores, bem como com o número, idade e sexo dos filhos e verificar se existem diferenças no impacto familiar de um filho relativamente à classificação do nível de stresse (baixo e intermédio).

Metodologia: Para a avaliação das variáveis deste estudo correlacional aplicou-se um Questionário sociodemográfico, a Escala de Stress Parental e o Questionário de Impacto Familiar.

Resultados: Conforme a idade dos progenitores vai aumentando, o nível de stresse parental, preocupações parentais, falta de controlo e medos e angústias diminuem. Quando a escolaridade dos progenitores aumenta, o nível de stresse diminui.

Existe uma correlação positiva entre o agregado familiar e o impacto na relação de casal e uma correlação negativa entre a idade do filho e o impacto financeiro.

Podemos verificar que é nos progenitores mais velhos que o impacto na vida social, sentimentos negativos, níveis de impacto familiar da escala total são maiores e o impacto financeiro é menor.

Os progenitores com nível de stresse baixo têm em média maior impacto na vida social, sentimentos positivos, impacto na relação de casal, impacto na escala total e menores níveis de impacto financeiro comparativamente aos que apresentam um nível intermédio.

Conclusão: A transição para a parentalidade envolve modificações e reformulações a um nível cognitivo, biológico, social e afetivo e implica mudanças profundas nas relações pessoais, familiares e sociais. Estas mudanças são importantes pois vão influenciar as relações familiares que por sua vez afetam os comportamentos e o funcionamento psicológico dos progenitores e dos filhos.

Palavras-chave: stresse parental; impacto familiar; parentalidade.

Abstract

Introduction: Whereas in our society parents are the main source of influence on child development, how they face parental stress and the impact of children can be very relevant to family functioning, since they constitute themselves as the ones that provide and strengthen satisfactory and quality relationships in the family or, on the other side they can put in danger the family organization.

Objectives: The objective of the present study is to explore the relationship between parental stress and the impact that a child has in some areas of family life, such as sex, age, marital status, academic level, professional status. We also explored the relationship of the child's age, sex and the number of children and the family impact of a child in what regards the parent's stress levels (medium and lower).

Methodology: In order to achieve the objectives proposed, we used a Sociodemographic Questionnaire, the Parental Stress Scale and the Family Impact Questionnaire.

Results: We verified that when the parent's age increase, the level of parental stress, lack of control and anxieties decrease. We also verified that when parent's academy level increase, the stress level decreases.

We found a positive correlation between the household and the impact on the couple relationship and a negative correlation between the age of the child and the financial impact.

We can verify that older parents present a higher scores in the items impact on social life, negative feelings and levels of family impact in the total scale score whereas the item financial impact presents lower scores.

Regarding parent's stress level, the results show that parent's with lower stress level on average, present a higher impact on social life, positive feelings, impact on the couple relationship, impact on the overall scale score and lower levels of financial impact compared to those with an intermediate stress level.

Conclusion: The transition to parenthood involves modifications and reformulations to a cognitive, biological, social and emotional level and implies profound changes in personal, family and social relationships. These changes are important because they will influence family relationships which in turn affect the behavior and psychological functioning of parents and children.

Keywords: parental stress; family impact; parenting

*Não me cabe conceber
nenhuma necessidade tão importante
durante a infância de uma pessoa
que a necessidade
de sentir-se protegido por um pai.*

(Sigmund Freud)

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
2. MATERIAIS E MÉTODOS	8
2.1 Tipo de estudo	8
2.2 Hipóteses	8
2.3 População e Amostra	9
2.4 Instrumento de Recolha de Dados	9
2.5. Procedimentos formais e éticos	12
2.6. Análise e Tratamento dos dados	13
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	14
4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	22
Conclusão	29
Referências bibliográficas	31

Anexos

Anexos I: Questionário de caracterização sociodemográfica.

Anexos II: ESP-Escala de Stress Parental

Anexos III: QIF- Questionário de Impacto Familiar de um Filho

Anexos IV: Carta à direção da APEPI para pedido de autorização do estudo

Anexos V: Formulário de Consentimento Informado de Participação no Estudo

Anexos VI e VII: Pedido de utilização dos instrumentos

Anexos VIII: Autorização para utilização dos instrumentos

Índice de tabelas

Tabela 1 Caraterização da amostra face aos dados sociodemográficos	15
Tabela 2 Caraterização da amostra face ao stresse parental.....	16
Tabela 3 Caraterização da amostra face ao impacto familiar de um filho	16
Tabela 4 Resultado da aplicação da correlação de <i>Spearman (rho)</i> ou de <i>Pearson (r)</i> para comparar a Escala de Stresse Parental e as variáveis número de filhos, agregado familiar, idade dos filhos e idade dos progenitores.....	17
Tabela 5 Resultado da aplicação dos testes <i>t de student</i> e de <i>Mann-Whitney</i> para comparar a Escala de Stresse Parental entre os sexos dos progenitores e entre os sexos dos filhos	18
Tabela 6 Resultado da aplicação dos testes <i>ANOVA</i> e de <i>Kruskal-Wallis</i> para comparar a Escala de Stresse Parental entre os diferentes níveis de escolaridade	19
Tabela 7 Resultado da aplicação da correlação de <i>Spearman (rho)</i> ou de <i>Pearson (r)</i> para comparar o Questionário Impacto Familiar de um filho e as variáveis número de filhos, agregado familiar, idade dos filhos e idade dos progenitores.....	20
Tabela 8 Resultado da aplicação dos testes <i>t de student</i> e de <i>Mann-Whitney</i> para comparar o Questionário de Impacto Familiar de um filho e as variáveis sexo dos progenitores e sexo dos filhos.....	21
Tabela 9 Resultado da aplicação dos testes <i>t de student</i> e de <i>Mann-Whitney</i> para comparar o Questionário Impacto Familiar de um filho e as diferentes classificações do nível de Stresse Parental.....	22

Lista de Siglas

ISMT - Instituto Superior Miguel Torga

APEPI - Associação de Pais e Educadores para a Infância de Pombal

QIF - Questionário de Impacto familiar de um filho

IVS - Impacto na vida social

SN - Sentimentos negativos sobre parentalidade

SP - Sentimentos positivos sobre parentalidade

IF - Impacto financeiro

IRC - Impacto na relação de casal

ESP - Escala de Stress Parental

PP - Preocupações Parentais

S - Satisfação

FC - Falta de Controlo

MA - Medos e Angústias

M - Média

Mod - Moda

Me - Mediana

DP - Desvio Padrão

n - Frequências absolutas

% - Frequências relativas

p - p-value

rho - Correlação de Spearman

r - Correlação de Pearson

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foca-se essencialmente na parentalidade, nomeadamente, stresse parental e impacto familiar de um filho.

Sobre este tema, muitas têm sido as variáveis estudadas, com efeitos na forma como progenitores e profissionais abordam o tema, sobretudo com consequências nas atitudes e nos efeitos da parentalidade na saúde e desenvolvimento global dos filhos.

Constituir família é uma motivação básica do ser humano, sendo esta considerada um elemento fulcral da perpetuação da espécie e do crescimento pessoal e social. Contudo, nem sempre é fácil atingir o seu saudável funcionamento, sendo muitas as variáveis que podem influenciar o estabelecimento de relações de qualidade entre os vários subsistemas (Alarcão, 2006).

Sendo ou não planeados, os filhos representam uma grande e importante transição na vida familiar. De facto, o nascimento de um filho promove alterações na estabilidade do sistema familiar, uma vez que, os vários subsistemas se alteram com a inclusão de um novo membro, o que implica que estes façam reajustes para alcançar um novo equilíbrio (Moura-Ramos e Canavarro, 2007).

A partir deste momento, casal, progenitores e filhos, constituirão três níveis bem identificados na estrutura familiar, respetivamente, o subsistema conjugal, o subsistema parental e o fraternal (Alarcão, 2006). Este novo subsistema parental tem como funções básicas, o apoio ao crescimento e desenvolvimento dos filhos, com vista à sua socialização, autonomia/individualização (Pires, 2008). Nesta fase o principal desafio para o casal é conseguir articular a conjugalidade com a parentalidade (Alarcão, 2006).

Estes momentos de transição familiar são descritos na literatura como tipicamente associados ao aumento do stresse, já que o aparecimento de uma nova criança envolverá a complexificação do sistema familiar devido à necessidade de redefinição dos papéis que regem as interações familiares (Oliveira, Pedrosa e Canavarro, 2005). Se as tarefas deste período forem desempenhadas eficazmente, ocorrerá um crescimento desenvolvimental e uma passagem significativa para um novo ciclo de vida individual e familiar (Alarcão, 2006).

Quanto mais positiva for a perceção que os progenitores têm das alterações experienciadas, maior será a satisfação sentida, relativamente aos seus papéis parentais, por outro lado, quanto mais negativa for a capacidade dos progenitores para aceitarem essas mudanças, maior será o impacto destas (Vicente, 2010).

Esta nova fase do ciclo de vida da família, que envolve modificações e reformulações a um nível cognitivo, biológico, social e afetivo, implica a reformulação de um conjunto de papéis, funções, rotinas, tarefas e responsabilidades, a nível individual, conjugal, social e económico (Martins, 2013). Desta forma, existe não só uma reorganização da estrutura do casal, como também mudanças profundas nas relações pessoais, familiares e sociais (Canavarro e Pedrosa, 2005).

A nível individual, as mudanças são, essencialmente, caracterizadas por mudanças emocionais e pelo investimento que cada membro do casal tem que fazer na conceção de si próprio com o novo papel (Levy-Shiff, 1994).

As mudanças ao nível do casal passam pela gestão dos conflitos e stresse, uma vez que a transição para a parentalidade pode amplificar problemas e diferenças já existentes entre o casal, aumentando assim, o nível de insatisfação entre o casal (Szelbracikowski e Dessen, 2007).

Quanto melhor for a relação do casal, menores são os níveis de stresse parental, o que se vai refletir em comportamentos parentais mais adequados, como sejam, maior satisfação parental e afetos mais positivos entre os diversos membros familiares (Belsky, 1984; Lu, 2006; Mixão, 2007; Vicente, 2010).

Estas mudanças a nível conjugal são importantes, pois podem influenciar a relação parental que por sua vez pode afetar os comportamentos e as características dos filhos, assim como o seu funcionamento psicológico (Berry e Jones, 1995; Potapova, Gartstein e Bridgett, 2014). Desta forma, a qualidade da relação e a satisfação entre progenitores e filhos são fatores que contribuem para o bem-estar psicológico dos intervenientes (Vicente, 2010). De igual forma, os conflitos que enfrentam diariamente e o stresse experienciado com o cuidado relacionado com os filhos podem influenciar negativamente as características destes, assim como as características dos progenitores (Pires, 2008).

Também o impacto financeiro é importante na transição para a parentalidade, na medida em que, promover as necessidades inerentes à criação dos filhos, implica recursos económicos e uma grande organização do orçamento familiar (Martins, 2013).

No que se refere ao contexto social, educar uma criança está sempre sujeito a avaliação objetiva e/ou subjetiva por parte dos outros, o que se repercute na própria conduta dos progenitores (Belsky, 1984; Zhang, 2014).

Durante todo este percurso, desenvolve-se em ambos os progenitores, uma consciência e procura de satisfação a nível social e familiar (Cruz, 2012). A qualidade de todo este processo depende da avaliação cognitiva que os progenitores fazem da sua capacidade de controlo dos

acontecimentos, das possíveis consequências e dos recursos de que dispõem (Putnick et al., 2008). Se não for vivido de forma tranquila, todo este processo de interiorização e desempenho de papéis, poderá causar algum conflito, stresse ou frustração, com consequentes sentimentos negativos (Fosco e Grych, 2009).

Quando as novas tarefas, exigências e desafios excedem os recursos percebidos, o impacto é maior, podendo acentuar vulnerabilidades prévias, desencadeando problemas até aí inexistentes (Coelho e Murta, 2007). Também a falta de apoio de outros membros da família ou da comunidade pode acentuar este impacto, no entanto, também pode levar ao desenvolvimento de novos recursos e de um melhor ajustamento familiar (Canavarro e Pedrosa, 2005).

Apesar de constituir um desafio que pode provocar um grande impacto na vida dos progenitores, hoje em dia acredita-se que a parentalidade deve ser fonte de grande satisfação e gratificação psicológica ao promover um novo significado à vida destes. Como refere Mixão (2007) a satisfação parental está relacionada com a satisfação com o papel parental, o grau de prazer que os progenitores manifestam na relação com os seus filhos e a satisfação com o cuidar dos filhos. Outros autores definem a satisfação dos progenitores como o grau de felicidade que estes experienciam na relação com os seus filhos. Estando, o cuidado, o contacto físico e a intimidade emocional relacionada com esta felicidade (Cruz, 2012; Vicente, 2010).

Apesar da dificuldade de se chegar a um conceito de satisfação parental, é consensual que esta se refere aos sentimentos positivos e de gratificação que os progenitores sentem nas suas responsabilidades parentais.

É um facto que esta adaptação à parentalidade é habitualmente, considerada como um marco importante de desenvolvimento da vida das famílias, exigindo esforços de adaptação às novas tarefas com que os progenitores se deparam (Sommer, Plumm, Terrance e Tubré, 2013). Uma transição equilibrada e normativa depende da interação de diversos fatores, como: (1) as características dos progenitores, nomeadamente, história de vida e recursos pessoais; (2) a relação do casal; (3) as características dos filhos, como a personalidade, capacidades cognitivas, capacidade de regulação emocional e capacidades físicas; (4) o contexto social como fonte de stresse ou de apoio onde se incluem as relações com a família alargada e a disponibilidade dos serviços de ação social (Bornstein e Bornstein, 2007).

A maioria da literatura desta área refere que o impacto de um filho não se circunscreve ao momento do nascimento. Cada estágio do desenvolvimento dos filhos exige aos progenitores uma adaptação constante das suas preocupações, sentimentos e expectativas, acompanhando a

idade, maturidade e crescimento dos filhos (Crnik e Greenberg, 1990; Towe-Goodman, Franz, Copeland, Angold e Egger, 2014). Deste modo, ser progenitor encerra a necessidade de estar disponível para proteger, cuidar e enriquecer o desenvolvimento dos filhos ao longo de muitos anos.

Apesar de na maior parte das vezes a parentalidade ser vivida de forma satisfatória, nem tudo é positivo na parentalidade e alguns autores consideram que o conflito é importante neste papel parental, sendo necessário à dinâmica conjugal. Para estes autores a resolução deste, leva ao crescimento, uma vez que, a sua resolução implica a obtenção de um novo equilíbrio, mais estável e superior que o anterior, sendo até benéfico para o desenvolvimento familiar, considerando que através da observação da resolução do conflito, os filhos podem aprender estratégias de resolução dos seus próprios problemas e conflitos (Baker et al., 2014; Gewirtz e Zamirt, 2014).

A transição para a parentalidade é um período de elevado stresse, sendo a etapa desenvolvimental em que os progenitores o experienciam mais, com conseqüente maior vulnerabilidade psicológica que advém das expectativas, sentimentos e preocupações parentais sentidas. Estas preocupações parentais designam um conjunto de comportamentos relacionais que ocorrem aquando do nascimento dos filhos e prolongam-se ao longo da vida dos progenitores, com maior ou menor intensidade (Berry e Jones, 1995; Vicente, 2010).

Tal como outros comportamentos humanos, as preocupações parentais são comportamentos simultaneamente biológicos e sociais (Algarvio e Leal, 2004). Assim, as preocupações parentais não dependem exclusivamente dos progenitores, mas também do filho, ou seja, a forma como os progenitores se comportam relativamente aos seus filhos depende muito da forma como os filhos também se comportam com os progenitores (Martins, 2008). Neste sentido o objetivo das intervenções parentais consiste em alterar os comportamentos dos progenitores pressupondo que estas alterações se refletem nos filhos e vice-versa (Coelho e Murta, 2007; Ponnet et al., 2013).

Nos dias de hoje, articular a vida familiar com a vida profissional, não é fácil porque existem muitas dificuldades inerentes a este contexto. A conjuntura económica atual, as dificuldades financeiras, a realização e o investimento profissional e pessoal, o facto de os avós não estarem disponíveis para cuidar dos netos, são algumas das principais razões que podem influenciar negativamente o ambiente familiar e fazer aumentar o impacto familiar de um filho causando algum stresse parental (Bayle e Martinet, 2008; Donenberg e Baker, 1993; Mixão, 2007).

O stresse define uma situação de desajustamento entre a pessoa e o meio, mais precisamente, entre as exigências do meio e as suas capacidades de resposta. São múltiplas as situações que podem ser indutoras de stresse, desde as pequenas contrariedades próprias do dia-a-dia, até às mais traumáticas, provocando no organismo uma resposta global, fisiológica e psicológica (Ogden, 2004).

Quando o stresse se torna excessivo pode reverter-se numa potencial doença, no entanto, também pode ser considerado como uma forma de defesa adaptativa para o indivíduo (Vaz Serra, 2007).

São variados os fatores indutores de stresse podendo caracterizar-se como sendo de natureza física, psicológica ou social e ser classificados como qualitativos ou quantitativos. Os qualitativos referem-se ao acontecimento que desencadeia o stresse, sendo os quantitativos as consequências destes (Costa, 2011).

As definições atuais de stresse, consideram como stressor o que é causado pelo ambiente externo, como stresse a resposta ao stressor ou sofrimento, sendo que o conceito de stresse é visto como algo que envolve mudanças bioquímicas, fisiológicas, comportamentais e psicológicas. Mas, tanto os fatores externos, a vida profissional, a família e o ambiente, como os fatores internos, as emoções, experiências vividas, crenças e valores, podem influenciar a perceção de stresse (Ogden, 2004).

Pode definir-se stresse parental como uma reação psicológica adversa, que é experienciada com sentimentos negativos, acerca do próprio e do filho. Esta é uma reação face às exigências da parentalidade e o medo de não conseguir responder adequadamente a essas responsabilidades (Bayle e Martinet, 2008).

Os principais sintomas de stresse parental manifestam-se em alterações de comportamento, emocionais, cognitivos, e vegetativos, como: sentimentos de ansiedade, depressão, pensamentos obsessivo-compulsivos e queixas somáticas (Berry e Jones, 1995).

É incontestável a influência destes sintomas de stresse nos filhos, podendo constituírem-se como potenciadores de um desenvolvimento e adaptação harmonioso ou, pelo contrário, como desencadeadores de perturbações (Bornstein e Bornstein, 2007; Pires, 2008).

No estudo de Gewirtz e Zamirt (2014), os autores verificaram que quanto menos stressados forem os progenitores, melhor será o ambiente oferecido por eles à criança, existindo uma correlação negativa entre o stresse parental e o ambiente onde as crianças crescem.

Na literatura é frequente encontrar o stresse parental associado a situações limite, onde o nível de stresse dos progenitores é maior. Tirando essas situações, de uma forma global, os

estudos revelam baixos níveis de stresse parental (Cherubini, Bosa e Bandeira, 2008; Mixão, 2007; Rocha, 2012).

Face às características atuais da família, alguns estudos têm-se debruçado sobre a correlação existente entre o estado civil dos progenitores e o stresse parental, mas, na análise dos resultados, não se verificam relações estatisticamente significativas (Martins, 2008; Santos, 2008; Silva, 2012; Vicente, 2010). Todavia, Silva (2012) ao analisar as dimensões verificou que os progenitores solteiros revelam maiores níveis de preocupações parentais, os divorciados/separados maiores níveis de satisfação e os viúvos maiores níveis de falta de controlo.

Os resultados obtidos por Szelbracikowski e Dessen, (2007) indicam que quando existe a coabitação do filho com apenas um dos progenitores, os níveis de stresse são mais elevados do que quando existe a coabitação com ambos os progenitores, deste modo, o stresse parental estaria ligado à estrutura familiar. Também Martins (2008) verificou que na monoparentalidade as desvantagens do papel parental são mais acentuadas. Esta ideia é corroborada por Putnick et al., (2008) que referem que quando o casal se apoia mutuamente, os níveis de stresse são mais baixos e a criança desenvolve-se melhor a nível físico, social e psicológico.

Vários estudos têm considerado o sexo do progenitor como influente do stresse parental, mas, quando fazemos a análise dos resultados, verificamos que estes, não apresentam diferenças significativas conforme o sexo (Ponet et al., 2013; Rocha, 2012; Santos, 2008). No entanto, outros autores encontram algumas diferenças relativamente a esta variável (Lu, 2006; Martins, 2008).

Na questão relacionada com a existência de irmãos e os níveis de stresse parental, Silva (2012) verificou que não existe relação estatisticamente significativa entre o nível de stresse parental e a existência de irmãos, apesar de ter obtido uma relação negativa estatisticamente significativa na dimensão falta de controlo, o que revela que a inexistência de irmãos leva a maior falta de controlo por parte dos progenitores.

No estudo desenvolvido por Andrada et al., (2009), os investigadores verificaram a existência de uma relação negativa entre o stresse parental e o número de filhos, concluindo que quanto maior é o stresse global, menor é o número de filhos, deduzindo que, provavelmente, numa relação de cooperação, as famílias mais numerosas tendem a lidar melhor com os fatores stressantes, em oposição às famílias menos numerosas.

No que diz respeito à idade do filho, os estudos indicam que esta não é uma variável influente do stresse parental (Cruz, 2012; Mixão, 2007; Rocha, 2012).

A literatura menciona que os progenitores mais velhos se envolvem mais na prestação de cuidados e experienciam mais afetos positivos associados à parentalidade, obtendo menos stresse com a parentalidade que os progenitores mais novos (Berry e Jones, 1995). No entanto, alguns autores que estudaram a possível relação entre os níveis de stresse e a idade dos progenitores, referem, a não existência de resultados estatisticamente significativos (Costa, 2011; Rocha, 2012; Silva 2012). Mas, Costa (2011) verificou que para as dimensões preocupações parentais e falta de controlo a correlação é negativa.

Em relação aos níveis de escolaridade e socioeconómicos dos progenitores, Martins (2008), refere que os níveis de escolaridade e socioeconómicos parecem correlacionar-se negativamente com a satisfação parental e com o impacto familiar. Relativamente aos vários domínios da vida familiar, a autora, verificou que quanto maior o impacto na vida social e na relação de casal, maiores são os sentimentos negativos sobre a parentalidade e maior será o impacto familiar. Contrariamente, quanto maiores os sentimentos positivos sobre a parentalidade menor é o impacto na vida social e na relação de casal. A mesma autora estudou o efeito conjunto que o sexo dos progenitores e o sexo dos filhos têm no impacto familiar, mas, não observou diferenças significativas entre o impacto familiar e estas variáveis.

É importante a promoção de uma parentalidade eficaz e causadora de felicidade. Por isso, perceber o impacto que os filhos podem ter na família, em que áreas, esse impacto é maior e quais os sentimentos negativos e positivos que os pais têm sobre a parentalidade, pode ajudar, sobretudo a um nível preventivo.

Face ao exposto, os objetivos desta dissertação foram formulados com o intuito de explorar o stresse parental na relação com o impacto que os filhos têm nos vários domínios da vida familiar. Nesse sentido, procedeu-se à revisão de literatura relacionada com a temática em análise. Contudo, constatou-se que em muita da literatura o stresse parental aparecia associado a situações extremas, por exemplo, ligado a situações de doenças crónicas dos filhos. Como não era este o sentido pretendido, partindo do objetivo geral deste estudo, foram esboçados objetivos específicos.

Um primeiro objetivo específico visou explorar numa amostra de progenitores, o stresse parental na relação que o impacto que os filhos têm em vários domínios da vida familiar e as variáveis sexo, idade, estado civil, habilitações literárias, agregado familiar e situação profissional dos progenitores, bem como o número, idade e sexo dos filhos.

Pretende-se ainda verificar se existem diferenças no impacto familiar de um filho relativamente à classificação do nível de stresse (baixo e intermédio).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Tipo de estudo

Um plano de investigação científica fundamenta-se num conhecimento rigoroso, metódico e sistemático que pretende otimizar a informação disponível em torno de problemas de origem teórica ou prática, sendo a sua principal função a compreensão, explicação, predição e controlo dos fenómenos (Almeida e Freire, 2008).

O estudo apresentado caracteriza-se como um estudo transversal, pois, tem como objetivo estudar o efeito de um ou mais fatores e a recolha de dados é realizada uma única vez e num único intervalo de tempo (Fortin, 2003). É também um estudo não experimental e correlacional uma vez que, segundo o mesmo autor, tem por objetivo examinar as relações entre as variáveis, bem como precisar a grandeza dessa relação através de análises estatísticas de correlação. Segue os métodos de análise quantitativa porque se torna mensurável, permitindo-nos reduzir, resumir, organizar, avaliar, interpretar e concluir de forma a garantir a precisão dos resultados, evitando assim distorções de análise e interpretação (Almeida e Freire, 2008).

2.2 Hipóteses

As hipóteses constituem a base de qualquer estudo uma vez que preveem a relação entre dois conceitos. As hipóteses comportam sempre pressuposições que necessitam de verificação, sendo desta forma suposições formuladas a partir do tema em estudo. Para este estudo foram definidas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Existem diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões de stresse parental dos progenitores com filhos em idade pré-escolar e as variáveis sociodemográficas, idade dos progenitores e dos filhos, número de filhos, sexo dos progenitores e dos filhos, habilitações literárias e agregado familiar.

Hipótese 2: Existem diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões de impacto na vida familiar dos progenitores com filhos em idade pré-escolar e as variáveis sociodemográficas, idade dos progenitores e dos filhos, sexo dos progenitores e dos filhos, número de filhos e número de elementos do agregado familiar.

Hipótese 3: Existem diferenças estatisticamente significativas no impacto familiar de um filho relativamente ao stresse parental (baixo e intermédio) dos progenitores com filhos em idade pré-escolar.

2.3 População e Amostra

Uma etapa prévia à amostragem é a definição da população a partir da qual se vai extrair a amostra. Neste estudo a população alvo é constituída por progenitores com filhos em idade pré-escolar a frequentar a Associação de Pais e Educadores para a Infância de Pombal (APEPI).

Uma dimensão importante a ter em conta é a delimitação do tamanho da amostra, esta deve ser representativa da população visada, isto é, as características da população devem de estar presentes na amostra selecionada (Fortin, 2003). Neste sentido, recorreremos à amostragem não probabilística por conveniência tendo em conta os seguintes critérios de inclusão relativos aos progenitores:

- Ser progenitor de pelo menos um filho com idade compreendida entre 1 e 6 anos a frequentar o ensino pré-escolar da APEPI.
- Participar voluntariamente no estudo.

Tendo por base estes critérios, a amostra ficou constituída por 40 progenitores.

2.4 Instrumento de Recolha de Dados

Com o intuito de acrescentar informação adicional acerca da amostra, foram aplicados três instrumentos. Um questionário de caracterização sociodemográfica (Anexo I), que pretende avaliar as características sociais e familiares dos progenitores, composto pelas seguintes variáveis: idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade e situação profissional. O questionário sociodemográfico abrange ainda questões dirigidas às figuras parentais relacionadas com o número de pessoas que constituem o agregado familiar e o número de filhos. Os filhos são caracterizadas através da idade e sexo. Os outros instrumentos utilizados foram a Escala de Stresse Parental (Berry & Jones, 1995, versão Portuguesa: Mixão, Leal & Maroco, 2007) (Anexo II) e o Questionário de Impacto Familiar de um Filho (Donenberg & Baker, 1993, versão Portuguesa: Martins & Leal, 2008) (Anexo III).

De seguida descrevem-se as escalas utilizadas.

A Escala de Stress Parental (ESP) foi desenvolvida a partir da “Parental Stress Scale” e é constituída por 17 itens de *Likert*. Nesta escala, pretende fazer-se a medida de Stresse experimentado pelos progenitores, tendo como base questões que envolvem a proximidade dos progenitores com os filhos. A escala mede também a satisfação, emoções positivas e negativas relacionadas com a parentalidade e dificuldades associadas a esse mesmo papel.

Tendo por base a relação com o seu filho, o progenitor será levado a responder, a concordância ou discordância de cada um dos 17 itens, assinalando numa escala de cinco possibilidades: Discordo Totalmente, Discordo, Indeciso, Concordo e Concordo Totalmente.

No estudo original, o *alpha* de Cronbach foi de 0,83, e o coeficiente de teste - reteste de 0,81 para um período de 6 semanas. Relativamente à validade da escala, esta demonstrou uma convergência satisfatória com várias medidas de stresse, emoção, satisfação com a parentalidade, incluindo perceção de stresse, stresse trabalho/família, solidão, ansiedade, culpa, empenho e satisfação marital, satisfação no trabalho e suporte social.

Em relação à validade fatorial da escala, esta foi avaliada através da Análise Fatorial Exploratória (KMO=0,79) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax. Para estudar a validade fatorial da ESP recorreu-se a uma estratégia exploratória, e não confirmatória, uma vez que a estrutura fatorial original dos autores não contemplava todos os itens presentes na escala, nomeadamente os itens 2 e 4. Os fatores retidos foram os que apresentavam um valor próprio superior a 1, em consonância com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida.

A Estrutura da Escala de Stress Parental apresenta-se dividida em 4 fatores: o Fator 1 corresponde à dimensão das Preocupações Parentais (PP) e é composto pelos itens 9, 10, 11, 12 e 13. O Fator 2 corresponde à dimensão Satisfação (S) e é composto pelos itens 2, 5, 6, 7, 8 e 18. O Fator 3 corresponde à dimensão Falta de Controlo (FC) e engloba os itens 1, 14, 15, 16 e 17, por fim, o Fator 4 corresponde à dimensão Medos e Angústias (MA) e é composto pelos itens 3 e 4.

Relativamente à consistência interna da escala de stresse parental o valor de *alpha* de Cronbach obtido na amostra foi de 0,76, indicando uma consistência aceitável para estudos de natureza exploratória. Neste estudo o valor de *alpha* de Cronbach foi de 0,885 o qual indica uma boa consistência interna, sendo esta melhor do que a obtida no estudo original.

Para a cotação da escala, os itens são pontuados de acordo com os níveis de stresse ou sentimentos negativos, pelo que os 7 itens formulados na positiva devem ser invertidos. Assim, os itens 1, 2, 5, 6, 7, 8, 17 e 18 devem ser invertidos aquando da sua pontuação. O somatório da escala pode variar entre 18 e 90. Apesar de não possuírem referências de linha de corte os autores da escala original, referem que resultados elevados indicam níveis de stresse parental elevados. Os autores da escala utilizada neste estudo, categorizaram os resultados em 3 intervalos: O intervalo de 18 a 40 corresponde à categoria de baixos níveis de stresse parental, o intervalo de 43 a 66 à categoria de níveis intermédios de stresse parental e

o intervalo de 67 a 90 à categoria de elevados níveis de stresse parental (Leal e Maroco, 2010).

O Questionário de Impacto familiar de um filho (QIF) começou por ser um questionário baseado no “Family Impact Questionnaire”, dirigido ao impacto que filhos com deficiência provocavam nas suas famílias. Inicialmente, este questionário era composto por 40 itens, que correspondiam, teoricamente a cinco dimensões: Impacto na vida social, Sentimentos negativos sobre a parentalidade, Sentimentos positivos sobre a parentalidade, Impacto financeiro e Impacto na relação de casal. Os autores Martins, Leal e Maroco (2008) interessando-se por perceber o impacto familiar de um filho, na população em geral, validaram este instrumento para esta população.

Tendo por base a relação com seu filho, o progenitor será levado a responder nesta escala, a concordância ou discordância de cada um dos 29 itens, assinalando numa escala de cinco possibilidades: Discordo Totalmente, Discordo, Não concordo nem discordo, Concordo e Concordo Totalmente. Esta escala apresenta, ainda, uma questão geral onde é pedido ao progenitor que compare o seu filho com outras crianças da mesma idade e assinale qual o impacto do seu filho na sua família. Mesmo que os progenitores tenham mais de um filho, é pedido que se reportem apenas a um deles para responder a este questionário. No entanto, podem preencher um questionário por cada filho.

No estudo original, o *alpha* de Cronbach foi de 0,87, no estudo de Martins, Leal e Maroco (2008), o *alpha* de Cronbach foi de 0,81, o que revela, em ambos os estudos, uma boa consistência interna. No entanto, esta é conseguida através das dimensões Impacto na vida social (0,87), Impacto financeiro (0,86) e impacto na relação de casal (0,82). O fator sentimentos positivos sobre a parentalidade apresenta um valor de 0,74, o que, segundo os autores é aceitável. No fator sentimentos negativos sobre a parentalidade o *alpha* de Cronbach foi de 0,52, o que revela uma má consistência interna. Ainda assim e considerando a dificuldade de os progenitores expressarem os seus sentimentos negativos em relação ao seu filho, os autores resolveram manter esta dimensão.

Em relação à validade fatorial da escala, esta foi avaliada através da Análise Fatorial Exploratória sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação Varimax, onde se retiveram apenas os 29 itens (dos 40 iniciais) que apresentaram pesos fatoriais elevados ($> 0,45$). De seguida, foi realizada nova análise fatorial com o objetivo de identificar as ligações que entre eles se estabelecem. Nesta análise fatorial realizada sem indicação do número de fatores a extrair,

foram retidos 5 fatores que apresentam um valor próprio superior a 1 e que são responsáveis pela explicação de 56,33% da variância total dos dados.

A Estrutura da Escala de Impacto familiar de um filho apresenta-se dividida em 5 fatores: o Fator 1 corresponde à dimensão Impacto na vida social (IVS) e é composto pelos itens (6, 9, 10, 15, 16, 18, 21 e 22). O Fator 2 corresponde à dimensão, Sentimentos negativos sobre parentalidade (SN) e é composto pelos itens (4 e 5). O Fator 3 corresponde à dimensão, Sentimentos positivos sobre parentalidade (SP) e é composto pelos itens (1, 3, 13, 20, 25, 28 e 29). O fator 4 corresponde à dimensão Impacto financeiro (IF) e engloba os itens (2, 12, 23, 24, 26 e 27). O Fator 5 corresponde à dimensão Impacto na relação de casal (IRC) e é composto pelos itens (7, 8, 11, 14, 17 e 19).

Esta escala obtém cotações de 0 a 100, em que 100 é o valor máximo, o resultado para cada dimensão será a soma dos itens que a constituem, dividido pelo valor máximo admissível para cada item, multiplicado por 100 e dividido pelo número total de itens que compõem a dimensão. Para se obter uma cotação para a Escala de Impacto Familiar de um Filho, efetua-se o cálculo da média dos valores obtidos para as cinco dimensões depois de invertidos os itens 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21 e 22. Os autores consideraram que as dimensões impacto na vida social, impacto financeiro, impacto na relação de casal, sentimentos negativos sobre a parentalidade e impacto familiar, estando associados a itens com conotação negativa, quanto maior é o seu valor numérico, menor será o peso que esta dimensão assume no impacto familiar (Leal e Maroco, 2010).

Neste estudo o *alpha* de Cronbach respeitante aos 29 itens do QIF é de 0,845, o qual indica uma boa consistência interna. Os *alphas* de Cronbach respeitantes às dimensões IVS e IRC, são respetivamente 0,91 e 0,907 indicando uma muito boa consistência interna. As dimensões SN e IF apresentam uma consistência interna aceitável (*alphas* de 0,74 e 0,796). A dimensão que apresenta uma consistência interna mais baixa é a dimensão SN (0,649).

2.5. Procedimentos formais e éticos

Qualquer investigação que inclua pessoas levanta questões de ordem moral e ética, e estas estão presentes desde que se determina o problema até à conclusão do estudo. Fortin (2003) refere que a investigação aplicada a seres humanos pode, por vezes, causar danos aos direitos e liberdades das pessoas. Por conseguinte, é importante tomar todas as disposições necessárias para proteger os direitos e liberdades das pessoas que participam nas investigações.

Tendo por base estes princípios estabelecidos, foi remetido um pedido à direção da APEPI (Anexo IV), onde foram expostos os objetivos da investigação, os instrumentos de recolha de dados, bem como assegurada a confidencialidade dos mesmos, tendo este pedido sido autorizado oralmente.

Foi elaborado um consentimento informado (Anexo V), onde os progenitores puderam consentir a utilização das informações recolhidas para análise única e exclusiva deste estudo. Nesse consentimento foram referidos os principais objetivos do estudo, condições de confidencialidade e anonimato das respostas obtidas, bem como, a importância da participação de cada progenitor. Foi ainda ressaltada a importância do estudo para conclusões futuras que podem ajudar as figuras parentais.

Em relação aos instrumentos de recolha de dados que julgamos adequados aos objetivos a que nos propomos na execução deste estudo, contactámos os respetivos autores no sentido de lhes solicitar autorização para a sua utilização (Anexo VI, VII), que nos foi concedida (VIII).

Depois de concedidas as autorizações procedemos à aplicação dos questionários aos progenitores com filhos em idade pré-escolar a frequentar a APEPI. A recolha dos dados foi efetuada no mês de março de 2014. Os questionários foram preenchidos pelos progenitores, tendo a distribuição dos protocolos sido feita através das educadoras/auxiliares que funcionaram como facilitadoras de todo este processo e que se disponibilizaram para responder a qualquer dúvida que pudesse surgir.

Estes instrumentos foram autoadministrados, uma vez que, deste modo, os participantes poderiam estar no seu meio confortável a preencher, refletindo sobre as questões em maior privacidade e com a menor pressão possível.

2.6. Análise e Tratamento dos dados

A recolha de dados não terá sentido se estes não forem analisados e interpretados, por essa razão, recorreremos a métodos estatísticos que são especialmente adequados para interpretar os dados quantitativos afetados por uma multiplicidade de causas. Neste sentido, para efetuar o tratamento estatístico dos dados, utilizou-se o *software* de estatística IBM SPSS Statistics (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 21.0 para o Windows, utilizando-se os métodos inerentes à estatística descritiva e inferencial.

A estatística descritiva utiliza-se para descrever os dados relativos à amostra em estudo. Para sistematizar os resultados foram utilizadas as seguintes notações: média (M), moda (Mod) mediana (Me), desvio padrão (DP), frequências absolutas (n) e relativas (%).

Na decisão do teste a aplicar para testar as várias hipóteses em estudo, sempre que necessário realizou-se o teste da normalidade de Kolmogorov-Smirnov ou de Shapiro-Wilk consoante a amostra tem dimensão superior ou igual a 30 ou menor do que 30 respetivamente (Maroco, 2008).

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Chegado o momento da apresentação dos resultados pretende-se expor os dados encontrados ao nível das diversas variáveis trabalhadas com vista a responder aos objetivos da investigação. Pretende-se, portanto, verificar se algumas variáveis retiradas do questionário sociodemográfico referentes aos progenitores e aos filhos apresentam correlações estatisticamente significativas com o stresse parental e com o impacto de um filho e se existem diferenças no impacto familiar de um filho relativamente à classificação do nível de stresse dos progenitores.

A) Caraterização da Amostra

Iniciando a apresentação e análise dos resultados do questionário sociodemográfico, observamos que a amostra em estudo é composta por 40 progenitores, em que 22,5% (n=9) são do sexo masculino e 77,5% (n=31) são do sexo feminino. A respeito do sexo dos filhos 45% (n=18) são do sexo masculino e 55% (n=22) são do sexo feminino, o que está em consonância com outros estudos realizados (Costa, 2011; Mixão, 2007; Silva, 2012).

No que concerne ao estado civil a maioria dos progenitores 67,5% (n=27) são casados ou vivem em união de facto, 22,5% (n=9) são solteiros e 10% (n=4) são divorciados.

Relativamente à situação profissional a larga maioria 80% (n=32) trabalha por conta de outrem, 10% (n=4) trabalha por conta própria e 10% (n=4) encontram-se desempregados.

Quanto às habilitações literárias 47,5% (n=19) têm o 3º ciclo, 30% (n=12) têm Bacharelato ou Licenciatura e os restantes 22,5% (n=9) têm Mestrado ou Doutoramento.

A idade dos progenitores variou entre um valor mínimo de 18 e um valor máximo de 48 anos, sendo a média das idades de 32,25 anos (DP =6,47). Para o caso dos filhos a idade variou entre um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 6 anos, sendo a média das idades de 3,20 anos (DP=1,51).

O número de elementos do agregado familiar variou entre um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 5, sendo o número médio de 3,38 (DP=0,81).

O número de filhos que os progenitores dizem ter varia entre um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 3, sendo o número médio de filhos de 1,55 (DP=0,64). De notar que a maioria (52,5%) têm apenas um 1 filho (Tabela 1).

Tabela 1
Caraterização da amostra face aos dados sociodemográficos

Progenitor	n	%	M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo
Pai	9	22,5						
Mãe	31	77,5						
Estado Civil	n	%						
Solteiro	9	22,5						
Casado/União de Facto	27	67,5						
Divorciado	4	10,0						
Situação Profissional	n	%						
Trabalhador por conta de outrem	32	80						
Trabalhador por conta própria	4	10						
Desempregado	4	10						
Habilitações Literárias	n	%						
3º Ciclo	19	47,5						
Bacharelato/Licenciatura	12	30,0						
Mestrado/Doutoramento	9	22,5						
Filho	n	%						
Masculino	18	45						
Feminino	22	55						
Idade dos Progenitores			M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo
			32,25	32,00	32	6,47	18	48
Número de Elementos do Agregado Familiar			M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo
			3,38	3,00	3	0,81	1	5
Número de Filhos			M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo
			1,55	1,00	1	0,64	1	3
Idade do Filho			M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo
			3,20	3,00	4	1,51	1	6

B) Caracterização do stresse parental e do impacto familiar de um filho

Podemos verificar que, no presente estudo, a média obtida na Escala de Stresse Parental é de 33,25 (DP=8,49) a qual é idêntica à obtida por Mixão et al., (2007), (M=33,30; DP =7), mas é inferior à obtida por Silva (2012), (M=38,58; DP=5,55). Os valores médios obtidos nas dimensões satisfação, falta de controlo e medos e angústias são inferiores aos obtidos no estudo de Silva (2012), enquanto a média obtida na dimensão preocupações parentais (M=11,75; DP=3,79) é ligeiramente superior.

Os autores desta escala classificaram o stresse parental em três categorias: Baixo, de 18 a 40; Intermédio, de 43 a 66 e Elevado, de 67 a 90.

Neste estudo, verificamos que existem apenas 6 progenitores (15%) com um nível de stresse classificado como intermédio (valor máximo é 57), sendo a grande maioria classificados com um nível de stresse baixo, o que, de um modo geral, está de acordo com estudos já realizados (Costa, 2011; Cruz, 2012; Mixão et al., 2007; Silva, 2012) (Tabela 2).

Tabela 2

Caraterização da amostra face ao stresse parental

Dimensões do stresse parental	M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo	n	%
PP	11,75	12	14	3,79	5	21		
S	6,18	5	5	1,58	5	10		
FC	7,95	7	5	3,25	5	16		
Ma	7,38	8	8	1,72	2	10		
ESP - Classificação dos níveis de stresse da Escala de Stresse Parental	M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo	n	%
	33,25	32	24	8,49	17	57		
Nível de stresse Baixo							34	85
Nível de stresse Intermédio							6	15

Podemos verificar que, no presente estudo, a média obtida na Escala de Impacto Familiar de um Filho é de 76,43 (DP=8,46) a qual é inferior à obtida por Martins (2008), (M=80,15; DP=7,63). O valor médio obtido nas dimensões impacto na vida social, sentimentos negativos sobre a parentalidade e impacto financeiro é inferior neste estudo quando comparado com o referido anteriormente. Nas dimensões sentimentos positivos sobre a parentalidade e impacto na relação de casal este estudo apresenta valores médios mais elevados (Tabela 3).

Tabela 3

Caraterização da amostra face ao impacto familiar de um filho

Dimensões do impacto familiar de um filho	M	Me	Mod	DP	Mínimo	Máximo
IVS	83,81	83,75	100,00	14,40	40,00	100,00
SN	61,00	60,00	40,00	17,66	40,00	100,00
SP	87,48	90,20	91,02	8,02	65,31	100,00
IF	71,42	73,33	80,00	14,50	40,00	100,00
IRC	78,42	80,00	93,33	18,78	40,00	100,00
QIF	76,43	77,24	74,73	8,46	59,18	92,52

C) Testar as hipóteses

Nesta subsecção vamos testar as hipóteses de investigação formuladas em 2.2.

Na Tabela 4 observamos que se verificam relações estatisticamente significativas entre a idade dos progenitores e a escala total de stresse parental ($p=0<0,01$), sendo o coeficiente de correlação de Pearson negativo ($r=-0,562$), o que significa que o nível de stresse parental vai diminuindo à medida que aumenta a idade dos progenitores. Também é estatisticamente significativa a relação existente entre a idade dos progenitores e as dimensões preocupações parentais ($p=0<0,01$), falta de controlo ($p=0,001<0,01$) e medos e angústias ($p=0,008<0,01$), sendo a correlação negativa, o que significa que conforme a idade dos progenitores vai aumentando, o nível de preocupações parentais, falta de controlo e medos e angústias diminuem. Apenas não existe relação estatisticamente significativa entre a idade dos progenitores e a satisfação, mas a correlação é negativa ($\rho=-0,025$), isto é, na amostra dos 40 progenitores a satisfação vai diminuindo com o aumento da idade.

Não é possível identificar a existência de mais relações significativas entre os vários domínios da escala de stresse parental dos progenitores e as variáveis sociodemográficas número de filhos, número de elementos do agregado familiar e idade do filho ($p>0,05$). Notemos que, na amostra em estudo, existem apenas duas correlações positivas: a correlação existente entre a satisfação e o número de filhos ($\rho=0,063$), isto é, quanto mais filhos têm, maior é a satisfação; e a correlação existente entre a satisfação e a idade do filho ($\rho=0,069$), ou seja, quanto mais idade tem o filho, maior é o grau de satisfação (Tabela 4).

Tabela 4

Resultado da aplicação da correlação de *Spearman* (ρ) ou de *Pearson* (r) para comparar a Escala de Stresse Parental e as variáveis número de filhos, agregado familiar, idade dos filhos e idade dos progenitores

	Número de Filhos		Agregado Familiar		Idade do Filho		Idade dos Progenitores	
	ρ	p	ρ	p	ρ	p	ρ/r	p
PP	-0,149	0,358	-0,121	0,456	-0,260	0,105	-0,580 ^(a)	0,000***
S	0,063	0,701	-0,073	0,656	0,069	0,672	-0,025	0,878
FC	-0,163	0,315	-0,141	0,385	-0,156	0,336	-0,490	0,001***
Ma	-0,113	0,487	-0,180	0,266	-0,137	0,401	-0,413	0,008***
ESP	-0,182	0,261	-0,146	0,367	-0,185	0,252	-0,562 ^(a)	0,000***

*** $p \leq 0,01$.

^(a)Utilizou-se o r de Pearson dado que as duas variáveis envolvidas seguiam distribuição Normal.

Quando comparamos os valores de stresse nos vários domínios da escala de stresse parental entre os sexos dos progenitores e entre os sexos das crianças, verificamos que não é possível observar diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$). No entanto, os dados da amostra mostram que a média da escala total de stresse parental obtida nos progenitores do sexo feminino ($M=32,84$; $DP=7,18$) é inferior à do sexo masculino ($M=34,67$; $DP=12,44$), o que mostra que os progenitores do sexo masculino revelam maiores níveis de stresse comparativamente às do sexo feminino. Na dimensão medos e angústias verifica-se que a média é ligeiramente superior no sexo feminino ($7,45 > 7,11$), isto é, as progenitoras tendem a apresentar mais medos e angústias comparativamente aos progenitores. Nas restantes dimensões da escala de stresse são os progenitores a apresentarem maior valor médio ou médias de ordem maiores, ou seja, os progenitores têm maiores níveis de preocupações parentais ($12,33 > 11,58$), apresentam um maior nível de satisfação ($25,67 > 19$), e também um maior nível de falta de controlo, comparativamente com as progenitoras ($20,67 > 20,45$) (Tabela 5).

Tabela 5

Resultado da aplicação dos testes *t de student* e de *Mann-Whitney* para comparar a Escala de Stresse Parental entre os sexos dos progenitores e entre os sexos dos filhos

Teste <i>t de Student</i>											
Sexo	Progenitores					Filhos					
	n	M	DP	t	p	n	M	DP	t	p	
PP	Masculino	9	12,33	5,66	0,382	0,711	18	12,06	3,73	0,457	0,65
	Feminino	31	11,58	3,16			22	11,5	3,9		
MA	Masculino	9	7,11	2,47	-0,518	0,608	18	7,5	2,04	0,411	0,683
	Feminino	31	7,45	1,48			22	7,27	1,45		
ESP	Masculino	9	34,67	12,44	0,564	0,576	18	33,56	9,11	0,203	0,84
	Feminino	31	32,84	7,18			22	33	8,15		
Teste <i>Mann-Whitney</i>											
Sexo	Progenitores					Filhos					
	n	MO	U	Z	p	n	MO	U	Z	p	
S	Masculino	9	25,67	93	-1,636	0,102	18	19,33	177	-0,62	0,535
	Feminino	31	19				22	21,45			
FC	Masculino	9	20,67	138	-0,05	0,96	18	20,42	196,5	-0,042	0,968
	Feminino	31	20,45				22	20,57			

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas na falta de controlo entre os diferentes níveis de escolaridade dos progenitores ($p=0,022 < 0,05$), e observa-se uma diminuição de stresse nesta dimensão à medida que a escolaridade aumenta.

Na escala total de stresse parental e nas restantes dimensões não se constata diferenças significativas, mas é possível observar que os progenitores inquiridos que têm o 3º ciclo apresentam sempre os maiores níveis médios de stresse (Tabela 6).

Tabela 6

Resultado da aplicação dos testes *ANOVA* e de *Kruskal-Wallis* para comparar a Escala de Stresse Parental entre os diferentes níveis de escolaridade

ANOVA						
	Escolaridade	n	M	DP	F	P
Ma	3º Ciclo	19	7,58	1,54	0,298	0,744
	Licenciatura	12	7,08	2,11		
	Mestrado/Doutoramento	9	7,33	1,66		
Teste <i>Kruskal-Wallis</i>						
	Escolaridade	N	MO	χ^2	p	
PP	3º Ciclo	19	22,76	2,78	0,247	
	Licenciatura	12	21,08			
	Mestrado/Doutoramento	9	14,94			
S	3º Ciclo	19	21,92	0,637	0,727	
	Licenciatura	12	19,38			
	Mestrado/Doutoramento	9	19			
FC	3º Ciclo	19	25,11	7,648	0,022**	
	Licenciatura	12	19,21			
	Mestrado/Doutoramento	9	12,5			
ESP	3º Ciclo	19	23,87	4,351	0,114	
	Licenciatura	12	20			
	Mestrado/Doutoramento	9	14,06			

p ≤ 0,05.

Em relação à hipótese 2, podemos verificar que existem relações estatisticamente significativas entre o impacto na relação de casal e o agregado familiar ($p=0,009<0,01$), sendo o coeficiente de correlação positivo ($\rho=0,409$), o que significa que quando o agregado familiar aumenta, também aumentam os níveis de impacto na relação de casal. Uma outra relação também estatisticamente significativa ocorre entre o impacto financeiro e a idade dos filhos ($p=0,03<0,05$), pelo que podemos afirmar que quando a idade dos filhos aumenta o impacto financeiro diminui ($\rho= -0,344$). Na variável sociodemográfica idade dos progenitores podemos encontrar quatro relações estatisticamente significativas, sendo elas observadas nos domínios impacto na vida social ($p=0,007<0,05$), sentimentos negativos ($p=0,042<0,05$), impacto financeiro ($p=0,02<0,05$) e na escala total de impacto familiar ($p=0,056<0,10$). Em particular, podemos afirmar que quando aumenta a idade dos

progenitores maior é o impacto na vida social ($\rho=0,422$), maiores são os sentimentos negativos ($\rho=0,324$) e maiores são os níveis de impacto familiar da escala total ($r=0,304$). No que concerne ao impacto financeiro, verifica-se uma relação contrária, isto é, quanto maior for a idade dos progenitores menor é o impacto financeiro ($r=-0,366$) (Tabela 7).

Tabela 7

Resultado da aplicação da correlação de *Spearman* (ρ) ou de *Pearson* (r) para comparar o Questionário Impacto Familiar de um filho e as variáveis número de filhos, agregado familiar, idade dos filhos e idade dos progenitores

Questionário Impacto Familiar	Número de Filhos		Agregado Familiar		Idade dos Filhos		Idade dos Progenitores	
	ρ	p	ρ	p	ρ	p	ρ/r	P
IVS	0,07	0,667	0,061	0,708	0,236	0,142	0,422	0,007***
SN	0,081	0,621	0,154	0,343	0,099	0,544	0,324	0,042**
SP	0,165	0,309	0,158	0,331	0,139	0,392	0,236	0,143
IF	-0,083	0,610	-0,218	0,177	-0,344	0,030**	-0,366 ^(a)	0,020**
IRC	0,230	0,154	0,409	0,009***	0,142	0,382	0,167	0,302
QIF	0,208	0,197	0,248	0,122	0,137	0,401	0,304 ^(a)	0,056*

*** $p \leq 0,01$; ** $p \leq 0,05$; * $p \leq 0,10$.

^(a)Utilizou-se o r de Pearson dado que as duas variáveis envolvidas seguiam distribuição Normal.

Ao compararmos os valores de impacto nos vários domínios da escala de impacto na vida familiar entre os sexos dos progenitores e entre os sexos das crianças verificamos que não é possível observar diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Os dados amostrais mostram que as médias ou médias de ordens das várias dimensões da escala de impacto familiar de um filho são sempre superiores no sexo feminino comparativamente com o sexo masculino.

Relativamente à escala total de impacto familiar verifica-se o contrário sendo os progenitores do sexo masculino a obterem maiores valores de impacto e também são os progenitores que responderam ao questionário por uma criança do sexo masculino a obterem um maior nível de impacto familiar ($73,89 > 69,39$) (Tabela 8).

Tabela 8

Resultado da aplicação dos testes *t de student* e de *Mann-Whitney* para comparar o Questionário de Impacto Familiar de um filho e as variáveis sexo dos progenitores e sexo dos filhos

Teste t de Student											
Sexo		Progenitores					Filhos				
		n	M	DP	t	p	n	M	DP	t	p
QIF	Masculino	9	77,5	11,35	0,429	0,670	18	73,89	14,96	0,975	0,336
	Feminino	31	76,11	7,63			22	69,39	14,13		
IF	Masculino						18	76,24	9,19	-0,122	0,904
	Feminino						22	76,57	8,03		

Teste Mann-Whitney											
Sexo		Progenitores					Filhos				
		n	MO	U	Z	p	n	MO	U	Z	p
IVS	Masculino	9	172,5	127,5	-0,391	0,696	18	348,5	177,5	-0,561	0,575
	Feminino	31	647,5				22	471,5			
SN	Masculino	9	188	136	-0,116	0,908	18	335,5	164,5	-0,929	0,353
	Feminino	31	632				22	484,5			
SP	Masculino	9	179,5	134,5	-0,163	0,871	18	370	197	-0,027	0,978
	Feminino	31	640,5				22	450			
IF	Masculino	9	215,5	108,5	-1,008	0,314					
	Feminino	31	604,5								
IRC	Masculino	9	214,5	109,5	-0,981	0,327	18	390	177	-0,576	0,564
	Feminino	31	605,5				22	430			

Quanto às diferenças no impacto familiar de um filho relativamente à classificação do nível de stresse (baixo e intermédio), apenas a dimensão sentimentos negativos sobre a parentalidade não apresenta diferenças significativas nos grupos classificados de stresse baixo e intermédio ($p=0,122>0,05$). Em relação à amostra, podemos apenas verificar que os progenitores apresentam um maior nível de sentimentos negativos quando são classificados com um nível baixo de stresse parental ($21,68>13,83$).

Em relação a todos os outros domínios da escala de impacto familiar de um filho e à escala propriamente dita, podemos afirmar a existência de diferenças estatisticamente significativas ($p<0,05$), isto é, podemos verificar que os progenitores com nível de stresse baixo têm em média maior impacto na vida social, sentimentos positivos sobre a parentalidade, impacto na relação de casal e na escala total de impacto familiar de um filho comparativamente aos que têm um nível intermédio. No domínio impacto financeiro verifica-se o contrário, sendo os níveis mais elevados de impacto financeiro obtidos nos progenitores com níveis de stresse intermédio ($84,44>69,12$) (Tabela 9).

Tabela 9

Resultado da aplicação dos testes *t de student* e de *Mann-Whitney* para comparar o Questionário Impacto Familiar de um filho e as diferentes classificações do nível de Stresse Parental

<i>Teste t de Student</i>						
	Classificação ESP - Escala de Stress Parental	n	M	DP	t	p
IF	Baixo	34	69,12	13,69	-2,55	0,015**
	Intermédio	6	84,44	12,77		
QIF	Baixo	34	78,26	7,7	3,768	0,001***
	Intermédio	6	66,06	3,9		

<i>Teste Mann-Whitney</i>						
	Classificação ESP - Escala de Stress Parental	n	MO	U	Z	p
IVS	Baixo	34	23,09	14	-3,354	0,001***
	Intermédio	6	5,83			
SN	Baixo	34	21,68	62	-1,545	0,122
	Intermédio	6	13,83			
SP	Baixo	34	22,91	20	-3,117	0,002***
	Intermédio	6	6,83			
IRC	Baixo	34	22,66	28,5	-2,81	0,005***
	Intermédio	6	8,25			

*** $p \leq 0,01$; ** $p \leq 0,05$

4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Feita a apresentação dos resultados, iremos agora refletir um pouco acerca dos mesmos, sabendo que, partindo do que a literatura refere, esta será apenas uma leitura possível.

Considerando que na nossa sociedade os progenitores são a principal fonte de influência no desenvolvimento infantil, então a forma como encaram o stresse parental e o impacto dos filhos pode ser muito relevante para o funcionamento familiar, uma vez que, estes se constituem como potenciadores de relações satisfatórias e de qualidade ou desestabilizadores do funcionamento familiar.

Iniciaremos a discussão pela caracterização da amostra que foi constituída por 40 progenitores com filhos em idade pré-escolar a frequentar a APEPI, em que 9 são do sexo masculino e 31 são do sexo feminino. Tendo em conta, que habitualmente as mulheres respondem mais aos inquéritos realizados, esta é uma amostra que vai de encontro a outros estudos realizados nesta área (Costa, 2011; Martins, 2008; Mixão et al., 2007; Silva, 2012). Quanto ao sexo dos filhos 18 são do sexo masculino e 22 são do sexo feminino.

A literatura refere que o comportamento parental depende das características dos progenitores, das características dos filhos e dos fatores contextuais. Assim, o bem-estar psicológico dos progenitores, as características dos filhos e a comunidade podem influenciar os padrões de comportamento parental (Belsky, 1984).

Neste estudo, podemos verificar que o nível médio de stresse dos progenitores cujo filho é do sexo feminino é ligeiramente superior (33,56>33). É de realçar ainda que quando se responde ao questionário como progenitor de um filho do sexo masculino, as preocupações parentais (12,06>11,5) e os medos e angústias (7,5>7,27) são maiores. Quanto às dimensões satisfação e falta de controlo podemos verificar o contrário, isto é, quando se responde ao questionário relativamente a um filho do sexo feminino a satisfação (21,45>19,33) e a falta de controlo (20,57>20,42) são maiores.

Sabemos que ser uma criança do sexo masculino ou do sexo feminino implica, desde muito cedo, reações e interações diferentes por parte dos progenitores, esta é assim, uma explicação para estes resultados (Martins, 2008). Outra terá a ver com as diferenças individuais que cada membro estabeleceu com os seus progenitores, que se reflete numa resposta afetiva mais ou menos gratificante da experiência de parentalidade. Por último surge-nos outra explicação que se relaciona com a diferença entre o que é o filho real e o filho imaginário (Cabral e Levandowski, 2011).

Porque o sistema familiar é mais do que o conjunto dos indivíduos que o compõem, pensamos que estas são questões que refletem uma interação de várias variáveis e por isso difícil de se estabelecer uma causa efeito.

A idade dos progenitores variou entre 18 e 48 anos, sendo a média das idades de 32,25 anos. Este resultado está de acordo com outros estudos que revelam que os pais têm filhos cada vez mais tarde (Costa, 2011; Martins, 2008; Silva, 2012). Para o caso das crianças a idade variou entre um valor de 1 e 6 anos.

No que concerne ao estado civil a maioria dos progenitores 67,5% são casados ou vivem em união de fato, 22,5% são solteiros e 10% são divorciados. Apesar de na nossa sociedade ainda estar muito enraizado o casamento é de realçar a quantidade de progenitores que são solteiros. Relativamente à situação profissional, a larga maioria 90% encontra-se a desenvolver uma atividade profissional.

Quanto às habilitações literárias 47,5% têm o 3º ciclo, 30% têm Bacharelato ou Licenciatura e os restantes 22,5% têm Mestrado ou Doutoramento, portanto, mais de metade da amostra têm como habilitações académicas o ensino superior.

O número de elementos do agregado familiar apresenta um número médio de 3,38. O número de filhos que os progenitores dizem ter varia entre 1 e 3, sendo o número médio de filhos de 1,55. De notar que a maioria (52,5%) têm apenas 1 filho. O que mais uma vez, está de acordo com outros estudos realizados neste tema (Costa, 2011; Martins, 2008; Mixão, 2007; Silva, 2012).

Enquanto processo extraordinariamente complexo e desafiante, a parentalidade, é conceptualizada na literatura como uma situação indutora de stresse, associado a diversos fatores, tais como, a idade dos progenitores, a experiência prévia com as crianças, a qualidade da relação conjugal, as características da personalidade dos progenitores, o suporte social, entre outras, requerendo competências a vários níveis (Lindahl e Malik, 2011).

Este stresse parental pode definir-se como uma reação psicológica adversa, que é experienciada com sentimentos negativos, acerca do próprio e do filho. Esta é uma reação face às exigências da parentalidade e o medo de não conseguir responder adequadamente a essas responsabilidades (Bayle e Martinet, 2008). Deste modo, a parentalidade pode ser vivida pelos progenitores como fonte de prazer proporcionando um sentimento de competência, mas, também pode ser entendida como difícil e conseqüentemente geradora de stresse.

Na análise dos resultados da escala de stresse parental podemos verificar que o nível de stresse parental vai diminuindo à medida que aumenta a idade dos progenitores. Também é estatisticamente significativa a relação existente entre a idade dos progenitores e as dimensões preocupações parentais, falta de controlo e medos e angústias, sendo a correlação negativa, o que significa que conforme a idade dos progenitores vai aumentando, o nível de preocupações parentais, a falta de controlo e os medos e angústias diminuem, o que é corroborado no estudo de Silva (2012). Na análise dos resultados a autora também verificou uma correlação negativa para as dimensões preocupações parentais e falta de controlo.

Neste estudo, de todas as dimensões da escala de stresse parental, apenas não existe relação estatisticamente significativa entre a idade dos progenitores e a satisfação, no entanto, do ponto de vista amostral, é possível verificarmos que quanto mais filhos têm, maior é a satisfação e quanto mais idade tem o filho, maior é o grau de satisfação. O que está de acordo com o estudo de Andrada et al., (2009), que refere que as famílias mais numerosas tendem a lidar melhor com os fatores stressantes e daí poderem apresentar maior satisfação. Nestas famílias também tende a haver maior cooperação entre os vários elementos familiares o que pode refletir um maior ajuste a vários níveis levando a uma menor perceção de stresse.

Vários estudos consideraram a variável sexo dos progenitores, no entanto na análise dos resultados podemos verificar que não existem diferenças significativas entre esta variável e o stresse parental (Cherubini et al., 2008; Silva, 2012; Szelbracikowski e Dessen, 2007), o que se constata também neste estudo. No entanto, na análise das dimensões verificamos que as mulheres tendem a apresentar mais medos e angústias comparativamente aos homens. Nas restantes dimensões da escala de stresse são os progenitores do sexo masculino a apresentarem maior valor médio. Resultados que são corroborados no estudo de Silva (2012) que revela que os progenitores do sexo masculino, apresentam maiores níveis de falta de controlo, medos e angústias e satisfação.

Também, Martins (2008) encontrou algumas diferenças relativamente ao sexo e deixa uma explicação para o facto, pois, apesar das mudanças sociais dos últimos anos, os progenitores homens, ao contrário das mulheres, ainda podem optar por um maior ou menor envolvimento no papel parental. Ora, quanto menos se praticar o cuidado, menor será a autoconfiança e o sentimento de eficácia de que se é capaz de lidar com as exigências inerentes à parentalidade e daí a falta de controlo que os progenitores homens sentem no seu papel parental.

Apesar de ainda hoje muitos considerarem que é à progenitora que cabe a tarefa de criar e educar a criança, o termo parentalidade engloba ambos os progenitores e os estudos mostram que os progenitores do sexo masculino encontram-se cada vez mais próximos dos seus filhos, tanto física como emocionalmente.

Com um número crescente de mulheres a ingressarem no mercado de trabalho, ocorrem novas configurações familiares que provocam mudanças significativas nas tarefas que se impõem a cada um dos progenitores, provocando um reformular de papéis parentais, assistindo-se a um maior envolvimento por parte dos progenitores do sexo masculino, deixando bem patente a ideia que são tão capazes, como as progenitoras, de amar e cuidar dos filhos tão bem como elas. Talvez por estas razões, os progenitores do sexo masculino da nossa amostra apresentem maiores preocupações parentais relativamente às progenitoras.

Considerando que a parentalidade deve proporcionar aos progenitores crescimento e realização pessoal e que as exigências sociais levam a que a figura masculina ganhe cada vez mais força, espera-se que este papel deva ser fonte de gratificação psicológica (Pires, 2008). Foi o que aconteceu com a nossa amostra, em que os progenitores homens apresentaram maior satisfação parental relativamente às mulheres.

Se o que referimos pode ser uma explicação para o sucedido, outra explicação passa pelo facto de alguns estudos referirem diferenças nas atividades em que pais e mães são

responsáveis. Assim, nestes estudos, as mulheres despendem mais tempo em cuidados diretos à criança, como preparar a comida ou tratar dela, já os homens despendem mais tempo em atividades lúdicas, que lhes proporcionam maior satisfação (Belsky, 1984; Levy-Shiff, 1994).

Podemos entender estes resultados, como uma necessidade social relacionada com os papéis da idade adulta. Mas não nos esqueçamos que o mais importante de tudo isto, é o facto de a parentalidade cumprir a tarefa individual de grande significado pessoal, ao proporcionar experiências de amor e o estabelecimento de uma relação satisfatória com os filhos.

Neste estudo, é possível observar que os progenitores inquiridos que têm o 3º ciclo apresentam sempre os maiores níveis médios de stresse. Podemos colocar a hipótese de que os sujeitos com habilitações literárias ao nível do superior mais facilmente assumem papéis menos tradicionais de parentalidade e por isso se ajudam mutuamente o que leva a que não percecionem tanto stresse. Outra variável a ter em conta será a satisfação com o trabalho e o facto de muitos destes progenitores optarem por sê-lo mais tarde, depois de prosseguirem outras metas, tão ou mais importantes que o ter filhos.

O facto de serem mais velhos e já terem outras gratificações proporciona-lhes uma estabilidade emocional maior que se reflete num melhor funcionamento familiar a nível social, individual e da relação de casal o que também se verificou noutros estudos (Baker et al., 2014; Silva 2012).

Quanto ao questionário de impacto familiar, as várias dimensões que o constituem, referem-se aos efeitos que um filho tem a nível financeiro, social, relação de casal, mas também, ao nível da realização pessoal e aos sentimentos de frustração e de inaptidão. Relativamente à dimensão impacto na vida social diz respeito aos impedimentos que o comportamento do filho provoca na realização e participação em atividades sociais.

Neste estudo, verificou-se que quanto maior o impacto na vida social, maiores são os sentimentos negativos sobre a parentalidade e maior será o impacto familiar. Assim, quando a idade dos progenitores aumenta, o impacto na vida social e os sentimentos negativos sobre a parentalidade aumentam também, por outro lado o impacto financeiro diminuiu.

Pela análise do conteúdo dos itens destas três dimensões, e não esquecendo a nossa amostra que representa as crianças de 1 a 6 anos, a interpretação destes factos poderá ter a ver com o facto dos filhos com pouca idade requererem muita atenção e muitos cuidados por parte dos progenitores, o que restringe a participação destes em atividades sociais, o que é corroborado por outros estudos realizados (Martins, 2008; Silva, 2012).

A dimensão impacto financeiro é composta por itens que se relacionam com custos, a vários níveis, que o criar e educar um filho podem acarretar, logo, é natural que este impacto

seja maior nos progenitores mais novos, pois, dada a conjuntura económica atual, estes, muitas vezes apresentam trabalhos mais precários o que leva a que sintam maior impacto financeiro. Por outro lado, estas idades mais precoces dos filhos, normalmente, acarretam algum esforço financeiro para fazer face a tudo o que é inerente aos cuidados com os filhos. À medida que estes crescem o impacto financeiro vai diminuindo, o que é corroborado por Martins (2008), que no seu estudo, também verificou este facto.

Por fim, estando os sentimentos negativos sobre a parentalidade, ligados a sentimentos de frustração que esta pode provocar, possivelmente, sendo estes progenitores mais velhos, conseguem ter alguma maturidade para poder afirmar que os filhos além de sentimentos positivos também lhes provocam sentimentos negativos, conseguindo assumir que a satisfação e a insatisfação são parte integrante da parentalidade e que os nossos filhos nos suscitam sentimentos positivos e negativos, pois, ser progenitor representa um preenchimento de necessidades egóicas e sociais, mas também limitações e insatisfações (Martins, 2008).

Outro resultado a que chegamos indica ser nos progenitores mais velhos, que o impacto familiar atinge maior relevância. Sendo o impacto familiar, como vimos, influenciado por diversas dimensões e tendo observado que os sentimentos negativos e o impacto na vida social é maior nestes pais, poderemos pensar em algumas razões, anteriormente mencionadas, que podem explicar este facto.

A dimensão impacto na relação de casal refere-se à dinâmica e ao suporte proporcionado entre o casal parental (Berry e Jones, 1995). Neste estudo, esta dimensão correlacionou-se de forma positiva com o agregado familiar, isto é, quanto maior o agregado familiar maior o impacto na relação de casal.

Uma possível explicação para este resultado, reside, na importância da aliança parental, especialmente, a forma como os cônjuges vivem e dão suporte aos papéis parentais do outro e a forma como respeitam e valorizam o papel parental e as tarefas realizadas por um e por outro, dos elementos do casal. Possivelmente, estes progenitores, como têm mais filhos e mais elementos no agregado familiar, sobra-lhes pouco tempo para cuidar do par conjugal.

Outra possível explicação reside no facto de estes estarem satisfeitos no seu papel parental e daí não darem tanta importância à sua relação de casal, uma vez que, os itens que compõem esta dimensão remetem essencialmente para as mais-valias egóicas que um filho proporciona.

A maioria da literatura e investigação desta área sugere que a transição para a parentalidade é um período, de elevado stresse e que ao longo do seu percurso conjugal esta é

a etapa desenvolvimental em que os pais experienciam maior stresse e uma maior vulnerabilidade psicológica (Crnik e Greenberg, 1990; Levi-Shiff, 1994).

Neste estudo, apenas a dimensão sentimentos negativos sobre a parentalidade não apresenta diferenças significativas nos grupos classificados de stresse baixo e intermédio. Na tentativa de compreender este facto, remetendo esta dimensão para pensamentos ou sentimentos negativos sobre o papel parental e o impacto que os filhos têm na família, pensamos que uma possível explicação terá a ver com a dissonância que estas questões colocam aos sujeitos. Pois, apesar de esta realidade não ser socialmente desejável, muitas vezes os filhos podem constituir um peso difícil de suportar. Outra possível explicação será o facto, desta dimensão remeter para sentimentos de frustração e de disfuncionamento que a parentalidade pode provocar, mas, que os progenitores podem não querer assumir. O que está de acordo com resultados de outros estudos (Martins, 2008; Silva, 2012).

Já aqui referimos que a parentalidade pode ser fonte de elevados níveis de stresse para os diferentes membros do sistema familiar, resultando num estado de tensão que exige a integração e adaptação de novas estratégias para lidar com essas exigências (Pires, 2008). No entanto, o stresse parental é tido como benéfico para a estrutura familiar.

Conforme refere Rocha (2012), níveis muito baixos de stresse podem comprometer a qualidade da parentalidade e da díade progenitores-filhos pois, pode influenciar de forma negativa o comportamento dos pais e proporcionar menor preocupação face aos filhos e ao seu comportamento. Por seu turno quando os níveis de stresse parental são adequados, este constitui-se como motivador de energia aos progenitores para utilizarem os recursos disponíveis e adequados à realização do seu papel (Putnick et al., 2008).

Esta poderá ser uma explicação para os resultados deste estudo, que refletem que quando o stresse é baixo, o impacto familiar é maior, assim como, o impacto na relação de casal e o impacto na vida familiar. Este estudo revela ainda que quando os progenitores apresentam menos stresse os sentimentos positivos sobre a parentalidade são maiores e o impacto financeiro é menor.

Podemos concluir que a parentalidade envolve um grande investimento Psicológico e financeiro mas também um grande investimento na relação conjugal e que os comportamentos parentais são multidimensionais e têm impacto na vida familiar e social. Assim, a parentalidade deve ser estudada em função da tríade pais-filhos-contexto.

Conclusão

Feita a apresentação e discussão dos resultados parece-nos importante refletir acerca dos mesmos.

Da análise da fundamentação teórica podemos perceber que, mais do que vermos a parentalidade como um momento de crise, há que verificar o modo como as famílias reagem a este facto. Uma vez que stresse e impacto familiar não é necessariamente, sinónimo de problemas, perturbações ou desajustamento, sendo uma parte integrante da experiência de parentalidade com consequentes desafios e exigências, comuns a todas as famílias, estando sujeito a diversas adaptações e a sucessivas mudanças.

A maneira como os progenitores atuam, vai influenciar negativa ou positivamente o comportamento dos filhos. Assim, a forma como os progenitores lidam com o filho influencia de maneira direta o comportamento deste, sendo esta díade de primordial importância para o desenvolvimento da família.

Parece ser consensual em vários autores que tornar-se progenitor de um filho constitui uma fase do desenvolvimento psíquico. Enquanto profissionais desta área, a nível preventivo, podemos compreender os fatores responsáveis por uma parentalidade disfuncional e as suas consequências no desenvolvimento das competências das crianças. A nível clínico podemos ajudar as famílias, na adequação das expectativas à realidade, não esquecendo que a parentalidade é um processo em constante mutação e cada etapa de desenvolvimento dos filhos e dos progenitores exige novas competências e contínuos ajustamentos das expectativas e dos comportamentos. Podemos, ainda, ajudar na redução de stresse parental, uma vez que, a redução deste, pode produzir um efeito indireto no comportamento da criança, ao haver uma melhoria no comportamento parental, com consequências ao nível do impacto familiar.

Nesta perspetiva, não esquecendo que se trata de dados apenas representativos da amostra deste estudo, realizado em progenitores com filhos em idade pré-escolar a frequentar a APEPI, este estudo foi determinante para perceber quais os níveis de stresse e qual o impacto na vida familiar que os progenitores experienciam no seu papel parental e como o conjugam com outros papéis e com a noção de si próprio enquanto homem e mulher.

Como limitações deste estudo, destaca-se, a dificuldade na recolha bibliográfica, nomeadamente, relativa ao impacto familiar e às variáveis sentimentos positivos e negativos da parentalidade, que enquanto variáveis psicológicas, estão pouco estudadas. Em relação ao stresse parental a literatura também ainda é escassa nos casos em que se pretende estudar o nível de stresse parental na população em geral, sem estar ligada a uma situação limite.

Considera-se também, que nos instrumentos utilizados, as perguntas na negativa, deveriam ser formuladas na positiva, pois, desta forma, os resultados podem ser enviesados por uma questão de desejabilidade social.

Como limitações é, igualmente importante ter em conta, que no Questionário de Impacto Familiar a variância dos resultados é de apenas 56%, o que nos leva a ter alguma cautela na leitura dos resultados obtidos. O tamanho reduzido da amostra é outra das limitações deste estudo, assim como, o facto de ter sido recolhida numa escola privada, o que por desejabilidade social as respostas podem não ter sido dadas de acordo com o que era sentido.

Como sugestão para estudos futuros, seria o desenvolvimento deste estudo numa escola pública onde poderia haver uma amostra maior com maior diversidade de progenitores, e até fazer uma comparação entre escolas. Considera-se igualmente, importante, que o stresse parental e o impacto familiar seja alvo de maior investimento nos progenitores do sexo masculino, pois, ainda não há muito investimento com eles. Seria, analogamente, importante fazer um estudo longitudinal, para verificar se o stresse parental e o impacto familiar são influenciados pela idade da criança. A comparação entre homens e mulheres é também uma possibilidade, de forma a poder perceber se os resultados diferem em função do sexo.

A conciliação de múltiplos papéis inerentes à vida de um adulto nem sempre é fácil. Conciliar a parentalidade com a conjugalidade e a vida profissional é um esforço difícil de concretizar, neste sentido seria pertinente realizar um estudo em que se estudasse a relação entre a vinculação e a conciliação de papéis, a satisfação parental e o stresse parental.

Capacitar os progenitores na aquisição de conhecimentos necessários para serem mais confiantes, competentes e eficazes na adaptação de comportamentos mais adequados no desempenho da parentalidade e uma maior orientação e apoio na prevenção de stresse e impacto familiar de um filho, poderão com certeza traduzir-se em ganhos em saúde psicológica para os filhos e para os progenitores.

Para terminar gostava de ressaltar a importância deste estudo a nível pessoal, pois, proporcionou uma excelente oportunidade de desenvolvimento e aprendizagem a nível profissional e pessoal e a um entendimento mais profundo destes temas.

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des) equilíbrios familiares*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Algarvio, S., e Leal, I. (2004). Preocupações parentais: validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5 (2), 145-158. Acedido em 10, julho, 2014, em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psd/v5n2/v5n2a02.pdf>
- Almeida, L., e Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilibrios Edições.
- Andrada, E. Et all (2009). *Prontidão Escolar e Estresse Parental*. Artigo Publicado em Psicologia para a América Latina, Revista Eletrónica Internacional de la Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología nº 18. Acedido em, 20, julho, 2014, em <http://psicolatina.org/18/prontitud.html>
- Bakker, A., Heijden, P., Schoot, R., Vandermeulen, E., Helsen, A., e Van Loey, E. (2014). The relationship between behavioural problems in preschool children and parental distress after a pediatric burn event. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 23 (9), 813 – 822. doi:10.1007/s00787-014-0518-y
- Bayle, S., e Martinet, F. (2008). *Perturbações da Parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55(1), 83–96. Acedido em 25, junho, 2014, em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/6705636>
- Berry, J. O., e Jones, W. H. (1995). The Parental Stress Scale: Initial psychometric evidence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(3), 463–472. doi:10.1177/0265407595123009
- Bornstein, L., e Bornstein, M. (2007). Parenting Styles and Child Social Development. *Encyclopedia on early Childhood Development*. Acedido em 28, junho, 2014, em <http://www.child-encyclopedia.com/documents/bornsteinANGxp.pdf>
- Cabral, S. A., e Levandowski, D. C. (2011). Representações maternas: teóricos e possibilidades de avaliação e intervenção clínica. *Estilos da Clínica*, 16 (1), 186–203. Acedido em 04, julho, 2014, em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282011000100011&script=sci_arttext
- Canavarro, C., e Pedrosa, A. (2005). Transição para a parentalidade: compreensão segundo diferentes perspectivas teóricas. In I. Leal (Ed.). *Psicologia da Parentalidade*, 225-255. Lisboa: Fim de Século.

- Cherubini, Z., Bosa, C., e Bandeira, D. (2008). Estresse e Autoconceito em Pais e Mães de Crianças com Síndrome do X-Frágil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (3), 409–417. Acedido em 27, junho, 2014, em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a09.pdf>
- Coelho, M., e Murta, S. (2007). Parental training in group: an experience report. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24 (3), 333 – 341. Acedido em 1, junho, 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000300005
- Costa, C. (2011). *Indutores do Stress Parental*. Dissertação de mestrado, não publicada, Universidade Fernando Pessoa, Porto. Acedido em 04, junho, 2014, em http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1977/1/DM_13655.pdf
- Crnic, K., e Greenberg, M. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child Development*, 61(5), 1628–1637. Acedido em 18, julho, 2014, em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2245752>
- Cruz, J. (2012). *Fatores de Satisfação e Stress no Pai Divorciado com Filhos em Idade Pré-Escolar*. Dissertação de mestrado, não publicada, Universidade Católica Portuguesa, Porto. Acedido em 12, junho, 2014, em http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9298/1/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o%20JC_Final%20CD.pdf
- Donenberg, G., e Baker, B. (1993). The Impact of Young Children With Externalizing Behaviors on Their Families. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 21(2), 179-198. Acedido em 08, julho, 2014, em [file:///C:/Users/admin/Downloads/Donenberg%20&%20Baker%20\(1993\)%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/admin/Downloads/Donenberg%20&%20Baker%20(1993)%20(2).pdf)
- Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação* (3ª ed.). Bairro de S. Francisco, Camarate: Lusociência.
- Fosco, G., e Grych, J. (2009). Emotional, Cognitive, and Family Systems Mediators of Children's Adjustment to Interparental Conflict. *Journal of family psychology : JFP : journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 22(6), 843–854. doi:10.1037/a0013809
- Gewirtz, A., e Zamirt, O. (2014). The impact of parental deployment to war on children: the crucial role of parenting. *Advances in Child Development and Behavior*, 46, 89–112. Acedido em 26, junho, 2014, em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24851347>
- Leal, I., e Maroco, J. (2010). *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*. Porto: Livpsic.
- Levy-Shiff, R. (1994). Individual and contextual correlates of marital change across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 30(4), 591–601. doi:10.1037/0012-1649.30.4.591

- Lindahl, K., e Malik, N. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology: JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 25(2), 194–201. doi:10.1037/a0022888
- Lu, L. (2006). Postnatal adjustment of Chinese parents: A two-wave panel study in Taiwan. *International Journal of Psychology*, 41 (5), 371–384. doi:10.1080/00207590500345328
- Maroco, J. (2008). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edição Sílabo, Lda.
- Martins, C. (2013). *A transição no Exercício da Parentalidade Durante o Primeiro ano de Vida da Criança: Uma Teoria Explicativa da Enfermagem*. Dissertação de mestrado, não publicada, Universidade Lisboa, Lisboa. Acedido em 14, julho, em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9420/1/ulsd066671_td_Cristina_Martins.pdf
- Martins, C. (2008). *Satisfação parental e impacto familiar: Contribuição para a validação de dois instrumentos*. Dissertação de mestrado, não publicada, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Acedido em 02, junho, 2014, em <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/669>
- Mixão, M. (2007). *Comportamentos parentais e Recurso às Urgências Pediátricas: Estudo do stresse Parental, Percepção de Vulnerabilidade Infantil e Esforço Económico Familiar*. Dissertação de mestrado, não publicada, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Acedido em 18, julho, 2014, em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/702/1/DM%20MIXA1.pdf>
- Mixão, M., Leal, I., e Maroco, J. (2007). Escala de Stress Parental. In I. Leal (Ed.). *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*, 199-210. Porto: Livpsic.
- Moura-Ramos, M., e Canavarro, M., (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reatividade emocional e psicossomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto. *Análise Psicológica*, 3 (XXV), 399 – 413. Acedido em 09, junho, 2014, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v25n3/v25n3a07>
- Ogden, J. (2004). *Psicologia da Saúde* (2ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Oliveira, C., Pedrosa, A., e Canavarro, C. (2005). Stress e adaptação nos processos de transição para a parentalidade. In A. Marques Pinto et al. (Coords). *Stress e bem-estar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Pires, A. (2008). *Estudo da Conjugalidade e da parentalidade Através da Satisfação Conjugal e da Aliança Parental*. Dissertação de mestrado, não publicada,

- Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa. Acedido em 12, junho, 2014, em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/820/1/20978_ulsd056139_tm.pdf
- Ponnet, K., Wouters, E., Mortelmans, D., Pasteels, I., Backer, C., Van Leeuwen, K., e Van Hiel, A. (2013). The influence of mothers' and fathers' parenting stress and depressive symptoms on own and partner's parent-child communication. *Family Process*, 52 (2), 312 – 324. doi:10.1111/famp.12001
- Potapova, N., Gartstein, M., e Bridgett, D. (2014). Paternal influences on infant temperament: effects of father internalizing problems, parenting-related stress, and temperament. *Infant Behavior & Development*, 37 (1), 105–110. doi:10.1016/j.infbeh.2013.12.014
- Putnick, D., Bornstein, M., Hendricks, C., Painter, K., Suwalsky, J., e Collins, W. (2008). Parenting Stress, Perceived Parenting Behaviors, and Adolescent Self-Concept in European American Families. *Journal of family psychology: JFP: journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 22(5), 752–762. doi:10.1037/a0013177
- Rocha, C. (2012). *Stress parental em pais de crianças hospitalizadas: influência de variáveis socio demográficas e clínicas*. Dissertação de mestrado, não publicada, Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde de Viseu. Acedido em 07, junho, 2014, em <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/1526>
- Santos, V. (2008). *Stress parental e práticas parentais em mães de crianças com perturbação de hiperactividade com défice de atenção*. Dissertação de mestrado, não publicada, Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Acedido em 28, junho, 2014, em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/695>
- Silva, A. (2012). *Fatores Preditivos do Stress Parental*. Dissertação de mestrado, não publicada, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra. Acedido em 30, junho, 2014, em <http://dspace.ismt.pt/xmlui/handle/123456789/106>
- Sommer, S., Plumm, K., Terrance, C., e Tubré, T. (2013). Perceptions of younger single adults as a function of their gender and number of children. *The Journal of General Psychology*, 140 (2), 87–109. doi:10.1080/00221309.2013.769931
- Szelbracikowski, A., e Dessen, M. (2007). Externalized Behavior Problems and Family Relationships: A Review of the Literature. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 33 – 40. Acedido em 22, junho, 2014, em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n1/v12n1a04.pdf>

- Towe-Goodman, R., Franz, L., Copeland, W., Angold, A., e Egger, H. (2014). Perceived family impact of preschool anxiety disorders. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 53(4), 437–446. doi:10.1016/j.jaac.2013.12.017
- Vaz Serra, A. (2007). *O stress na vida de todos os dias* (3ª ed). Coimbra: Edição do Autor.
- Vicente, A. (2010). *Conjugalidade e Parentalidade Estudo sobre a influência das preocupações parentais na satisfação conjugal em pais de crianças com 1 a 5 anos de idade em educação pré-escolar*. Dissertação de mestrado, não publicada, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra. Acedido em 09, junho, 2014, em http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/216/1/Tese_final_Ana.pdf
- Zhang, X. (2014). Family income, parental education and internalizing and externalizing psychopathology among 2-3-year-old Chinese children: the mediator effect of parent-child conflict. *International Journal of Psychology: Journal International De Psychology*, 49(1), 30–37. doi:10.1002/ijop.12013